

O fluminense, 3/2/68

PROSA & VERSO

Direção: Marcos Almir Madeira e Sávio Soares de Sousa

Obra que
passou em
julgado:
uma
gramática
na história

Rosalvo do Valle



Prof. Ismael Coutinho.

ROSALVO DO VALLE

Sob título de sua iniciativa, traz "Prosa e Verso" ao leitor os períodos seguintes, compostos pelo professor Rosalvo do Valle, a quem tocou o prefácio à nova edição, precisamente a 6.ª, da "Gramática Histórica" com que tanto se abelizou na filosofia brasileira o fluminense Ismael de Lima Coutinho. O atual diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade Fluminense, sucessor do mestre paulista na cátedra e nos caminhos da pesquisa lingüística, produziu, como de seu gosto e costume, um próêmio em que a frase harmoniosa, reta e discreta traduz propósitos de altura e largueza que se impõem. Não nos deu um prefácio como tantos outros, mas, em estilo enxuto, como recomendava Gide, uma "ouverture" à saudade e à justiça.

Observe-se:

ESTA EDIÇÃO

Esta edição, lamentavelmente, é póstuma.

O professor Ismael de Lima Coutinho morreu inesperada e brutalmente num desastre de automóvel, em 24 de julho de 1965, nas proximidades de São João do Rio Vermelho, em São Paulo.

que esta edição reproduz a anterior. Nosso trabalho teve de se limitar quase a uma simples revisão de provas tipográficas. Uma ou outra despretensível contribuição nem merece referência.

Era nosso velho desejo encarregarmo-nos de uma revisão crítica da Gramática Histórica "em consulta com o autor", a fim de que o professor Ismael Coutinho tivesse o lazer necessário à conclusão dos trabalhos que vinha redigindo sobre língua e literatura latinas, quando afinal, pôde se dedicar exclusivamente ao ensino superior: um manual de fonética histórica, estudos de morfologia, notas de sintaxe e, sobretudo, a tese sobre a ANDRIA de TERENCIO. Os desígnios de Deus, sempre ocultos a nosso breve humano alcance, dispuseram, porém, de outro modo.

Sobre o valor da GRAMÁTICA HISTÓRICA, não cabem comentários neste prefácio. A obra já foi julgada. Não bastasse a crítica de lingüistas e filólogos que a têm apontado como, certamente, o melhor compêndio sobre a história externa e interna da língua portuguesa, já pela segurança da doutrina, já pela exposição didática, aí está para consagrá-la o acolhimento dos leitores que têm esgotado as edições em prazos surpreendentes.

Preferimos oferecer aos leitores que não tenham conhecido pessoalmente o professor Ismael de Lima Coutinho este retrato que a fina sensibilidade de Aires da Mata Machado reproduziu sem exagero naquele formoso artigo, repassado de calor humano, que o "O Diário" de Belo Horizonte publicou em 5-8-65:

"Na sua presença, algo misterioso prendia o interlocutor: talvez a voz que trazia o numeroso coração no metal de inflexão matizada de quem só sabia falar bem dos outros; talvez o riso franco, sem reticências nem malícias, senão a mesma alegria a transfundir bondade; certamente a efusão de simpatia, capaz de influir nos mais arredios e nos menos afins com sua grande alma".

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1967.

ROSALVO DO VALLE

Todo jornal que se preza ...

A PROPÓSITO DA CULTURA BRASILEIRA

LEVI CARNEIRO

Quando se trata da cultura brasileira, uma dúvida salta, desde logo, o observador: — o "modo de vida social" no Brasil, reveste-se de certa uniformidade? A multiplicidade, a heterogeneidade das contribuições por ela assimiladas, dão-lhe certa feição peculiar. Mas, a imensa diversidade de condições da vida social não se apresenta somente entre regiões diferentes, não só entre as cidades — entre as cidades e as vilas, ou os arredores dessas mesmas cidades, também dentro de muitas, se não de quase todas as cidades, até o mesmo bairro na mesma rua. Haja vista o que se passa em Copacabana.

Essa diversidade de condições da vida social em seus diferentes centros, impede, talvez, de falar de uma cultura brasileira e revela problema inquietante. Gente das zonas rurais que se transfere para alguma grande cidade continua a viver, de certo modo, a mesma vida que anteriormente vivia. O mocambo, a favela, invade esta e outras capitais — não só para acolher inúmeras pessoas de condição miserável, não só pela falta de casas confortáveis, também, dentro de muitas, senão de quase todas as tuada preferência por essas habitações.

Há, evidentemente, um elemento comum a toda essa gente — a maravilhosa unidade da língua falada no Brasil, que Charles Wagley disse maior que em quase todos os demais países de dimensões comparáveis. Charles Wagley dirigiu o estudo que a Unesco realizou, há pouco tempo, sobre classes sociais e raças, em quatro regiões rurais do Brasil — no Recôncavo, em Minas Velhas, no sertão, na Amazônia. Ele percebeu as diferenças, "no ponto de vista social", das condições de vida em São Paulo, ou no Rio, e nas regiões atrasadas do Oeste e do Norte — e considerou que, se não temos preconceitos raciais, certas formas atenuadas de discriminação racial ainda se manifestam e até se desenvolvem em algumas regiões. No entanto, éle mesmo exaltou a unidade do Brasil contemporâneo, não só no ponto de vista lingüístico, como também no cultural. ("Races et classes dans le Brésil rural").

POSSES NA VALENCIANA

A Academia Valenciana de Letras estará solenemente reunida, sob a presidência do poeta Antônio Siqueira, no dia 9 de março próximo, para a posse do Bispo D. José Costa Campos, sucessor do Monseñor Tomás Tejerino de Prado, na cadeira patronímica de Gomes Pimenta.

Saudará o novo acadêmico o professor José Geraldo Lamarca.

Outras posses estão programadas, ainda, para o corrente ano: a da poetisa Therezinha Vasconcelos, sucessora de Durval Passos de Melo, na cadeira patronímica de Fagundes Varela (23 de março); a do

Parece-me que a unidade apontada se verifica realmente nas quatro zonas estudadas — e, de modo geral, em toda a região rural, mas não se estende a cidades, ao menos a todas as zonas das principais destas. Em todo caso, geralmente se verifica na gente brasileira, cingida à unidade da língua, certa unidade psíquica ou de temperamento, a uniformidade de certas preferências e de certos hábitos — mesmo entre indivíduos de condição social muito diversa e de vida social profundamente diferente. As diferenças se atenuam ao influxo do que o Sr. Afonso Arinos, há já vinte anos ("Conceito de civilização brasileira", pgs. 134 e sgs.), chamou de "resíduos tipicamente afro-índios", elementos de culturas inferiores que marcam a civilização brasileira atual e futura. Ele apontou os seguintes: a) imprevidência, falta de poupança, dissipação; b) despreço pela terra; c) superstições e magias; salvação pelo acaso; d) amor à ostentação; e) desrespeito pela ordem legal, transformação do conceito de legalidade.

A não ser quanto a este último ponto — em que as idéias do brilhante publicista não me parecem muito aceitáveis — suas observações tiveram, no desenvolvimento ulterior da vida nacional, impressiva confirmação. Estão aí patentes a todos os olhos, novas e apavorantes conseqüências desses "resíduos", influindo até na ação do próprio Estado, que, sem as poder, nem querer corrigir, também tolera em larga escala e delas se aproveita e as agrava. Aí está a dissipação dos dinheiros públicos, pela multiplicação dos funcionários, pela majoração da medida dos seus vencimentos, pelas comissões no estrangeiro improficuas e caríssimas. Aí está o desperdício pela terra, no êxodo rural, na transfusão dos dinheiros da agricultura em arranha-céus desta capital. Aí está a confiança na salvação pelo acaso e no jogo, erigindo em recurso providencial contra as dificuldades dos erários estaduais as batotas oficializadas. Aí está o amor à ostentação nas espetaculares e ofensivas exhibições de luxo, nas dezenas e centenas de Cadillac que atravancam as ruas da cidade, talvez não se veja hoje em nenhuma grande capital européia e tornam a terra carioca, conforme definiu o Sr. Afonso Arinos, a síntese do caráter ostentatório da civilização brasileira.

É impressionante que todos esses "resíduos" não tenham sido eliminados, antes se tenham agravado pela ação do Estado, e ajam em detrimento da cultura.

No intuito de comemorar o centenário do autor de "Canaã", que transcorre em 1968, aquêla entidade instituirá um concurso de ensaios sobre "A influência de Graça Aranha na literatura brasileira".

O tema do concurso de poemas, comemorativo do centenário do maestro Francisco Braga, será "Música".

E o tema do concurso de trovas líricas ou filóficas (Jogos Florais) será "serenata", havendo também um prêmio para trovas humorísticas, sob qualquer assunto.

As bases desses concursos serão divulgadas dentro em breve, pelas colunas da PROSA & VERSO.

Hamilton Ramos, na cadeira patronímica de Miguel Couto (em junho).

Possivelmente em agosto ou setembro, dar-se-á a posse do advogado, jornalista e homem público, deputado Alberto Tôres, que será saudado pelo acadêmico Marcos Almir Madeira.

GRAÇA, MUSICA E SERENATA

São dos mais sugestivos, sem dúvida, os temas escolhidos pela Academia Valenciana de Letras para sua Festa da Inteligência, de novembro do corrente ano.

XAVIER PLACER

Há em Josué Montello um trabalhador fora do comum. Sua capacidade é, a todos os títulos, espantosa. Devem-lhe os bibliotecários brasileiros a reforma e atualização de seu curso profissional; Biblioteca Nacional e Museu Histórico, quando aí Diretor, conheceram iniciativas fecundas; ainda agora, no Conselho Federal de Cultura vemos, seu presidente, a executar. Entre seus pares, na Academia Brasileira de Letras, sabemos-lo presente, ativo e motivador.

Justo, e não deixa de ser oportuno, assinalar isso neste 1968, exatamente quando entra J. M. no paralelo cinquenta. Mas o escritor que há nãe não se revela menos ativo. Sem referir as monografias do técnico de educação e professor, tem passado por todos os gêneros — ensaio, teatro, literatura infantil, história literária à ficção. Em especial o romance, que começaria aos vinte e três anos com JANELAS FECHADAS (1941), e prosseguiu tempo a fora em A LUZ DA ESTRELA, MORTA, O LABIRINTO DE ESPELHOS, A DECIMA NOITE, OS DEGRAUS DO PARAISO, e que será, naturalmente, a sua ambição mais alta.

Porém não desdenha, à margem da atividade maior, os gêneros breves. O FIO DA MEADA FOI foi sua estreia no conto. Sobre este tema vem mesmo de publicar: O CONTO BRASILEIRO: DE MACHADO DE ASSIS A MONTEIRO LOBATO (1967). E têm-lo por último na novela. Em edição da Livraria Martins a nova obra é uma dezena de escritos: DUAS VEZES PERDIDA (1966).

Em palavras de "orelha" — "Do autor ao leitor" — J. M. se explica: "Embora reconhecendo que se generalizou entre nós o desdém pelas narrativas em que a urdidura alicia o leitor, foi esse o caminho que procurei seguir, louvado no pressuposto de que os valores dramáticos não se acham peremptos no mundo da novela".

Então, clareando melhor esse ponto, revela de passagem a invenção lúdica que visou ao elaborá-las, efeito a que todo escritor se abandona no ato de criação e entrega ao público: "Em verdade, não tive outro propósito, se não o de continuar a meu modo a ligação dos narradores antigos, que se preocupavam de distrair os seus leitores, sem perder de vista a forma literária dos relatos que lhes ofereciam".

Neste DUAS VEZES PERDIDA, J. M. pensou, conscientemente, fazer contos não, mas novelas. Sim, quanto a tal gênero, entende que — "a novela parece ter continuado fiel a si mesma, como alheada das transformações por que tem passado o conto e o romance atuais". E cita-nos, Montello que é constante

Dois poetas autografaram no coração da cidade: na Livraria "Arte e Ciência", das 18 às 23 horas de 30 deste mês, César de Araújo e Gastão Neves assinalaram sua já vitoriosa poesia para os leitores (de todas as idades, condições e convicções) que superaram aquela casa de livros.

"Prosa & Verso" assinala, com prazer, o êxito do lançamento de "Das faces" (de César) e "Tempo de espera" (de Gastão Neves).

JOSUÉ M

leitor dos espanhóis, colecionador de Cervantes, o sempre desabusado Dom Miguel de Unamuno em epigrafe geral ao volume: "Que és eso de que há pasado la época de las novelas? Mientras vivam las novelas pasadas vivirá y revivirá la novela".

Nem lógico nem correto julgar um livro por aquilo que está na cabeça da gente mas não está na do autor, nem pretendeu estar. A obra de arte é uma oferenda que o artista faz — e cabe o gesto de agradecer, ou passar. Há que ir para a leitura de DUAS VEZES PERDIDA portanto sabedores disto: trata-se de novelas, novelas de enredo. Ou seja, quis o autor armar enredos um pouco mais longos e complexos do que contos, histórias sim, com princípio-meio-fim.

Acresce ainda algo mais, que cumpre colocar nas parcelas para a soma geral: como bom maranhense de São Luís, é J. M. conhecedor do vernáculo, está impregnado das formas classicizantes e cultiva-as gostosamente. Na conversa tomam-se até curioso surpreendê-lo no uso dessas formas que, ao ouvi-lo referir um fato ou anedota — também em discurso ou conferência — pode-se esperar e ainda prever como pedra que "sairá" no jogo. No seu tom manso, que nunca se altera, é mesmo saboroso de viva voz sermos tratados pela na Guanabara quase insólita segunda pessoa do singular "Tu compreendes, tu bem sabes..." que igualmente aparece nas histórias em lugar do você.

Ora, o essencial em arte é acertar, e o que objetivou fazer, J. M. fez. Escrevendo intencionalmente relatos de trama, partindo à Maupassant de um ato, não explora a sociedade a anedota, antes mantém-se no justo meio-térmo que a coisa pede. J. M. foi sempre apaixonado de teatro, já divulgou em livro e levou à cena peças, e resulta que o encontramos nestes seus relatos breves a aproveitar os instrumentos eficazes da ribalta. De fato, quase não consegue ao descrever, preferindo dramatizar. E aqui as falas de seus tipos são de intensa expressividade, enérgicamente convincentes e, o que é melhor, vivaz linguagem do coloquial, a par da mímica e do gesto explorada.

DUAS VEZES PERDIDA, a peça que empresta o título ao conjunto e sugeriu a capa a Percy Deane, é a mais larga e foi posta ao final, como que fundamento de base a sustentar o edifício. A de abertura, O MONSTRO — saiu perfeita. Quanto às restantes, todas, talvez, se enquadrem rigorosamente na categoria de novelas, participando algumas do conteúdo da SHORT STORY. Não com referência à dimensão — que seria critério extrínseco e mecânico — têm

A quem se orgulha de ter sido seu discípulo, desde os tempos de ginásio, e sou assistente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal Fluminense, desde 1949, a ausência do mestre deixa, ainda mais, a responsabilidade de lhe reunir e publicar a obra esparsa, e homenagear sua memória com uma edição crítica de sua obra-mestra: a Gramática Histórica.

Entretanto, a solicitação cada vez mais insistente do público estudantil, sobretudo aos alunos de Letras de nossas escolas superiores, obriga a Livraria Acadêmica a não retardar a publicação da obra — razão por

De novo o argumento vem a ponto. Em nossa última edição (sábado passado) cochilamos na impressão de dois artigos: o poema *EVOCAÇÃO* saiu da linotipo e foi para a rua sem o nome do autor: FÁRIA GÓES; o rodapé *GENTE E CULTURAS DO BRASIL*, além de ter omitido também o nome do escriba (um certo Marcos Almir Madeira), elidiu o subtítulo, de fato necessário para orientar o leitor: *TRECHOS DE UM DISCURSO DE PARANINHO*.

Ainda uma vez, resta um consólo: todo jornal que se preza...

IONTELLO, O ESCRITOR DINÂMICO

à complexidade e repercussões internas. Mas rótulos pouco ou nada importam.

O fato é que se vão passando as folhas, de um título a outro, com o interesse renovado de leitura. Uma inteligência atilada preside às narativas, dosando calculadamente efeitos mediante distribuição exata de recursos, como um pintor com sua pílhetta frente à tela. Assim, não são produções de aprendiz, sequer de meio-oficial, mas de oficial inteiro, — colheita de maturidade e plenitude. O intelectual compraz-se na delícia algo perversa dessas constatações de feitura e estilo; para o leitor comum há isso talvez apresentado como encanto misterioso e mais o conforto do enredo, da trama, dos tipos.

Por tocar em estilo, Flaubert maravilhava-se com certos achados de Michelet; e Victor Hugo de outros e daquele verso:

"L'ombre était nuptiale, auguste et solennelle"
punha-o em êxtase. Não está de moda no Brasil (nem no mundo), trabalhar lá muito a forma. Ninguém (ou poucos) valoriza os belos arranjos, indigando não se sabe que incompatibilidades com o conteúdo, ou como se diz, a mensagem. J.M. brinca a toda hora olhos e ouvidos do leitor com coisas — Principalmente nas transições — assim: "Na rua, ainda encontrou uns restos de sol. A direita, as palmeiras do Palácio do Catete abriam os leques verdes por cima das árvores do parque, sob a vigilância de soldados embalados. E de repente, profanando com seu alarido a diafanidade da frase musical, estrondou no apartamento a campainha do telefone".

Além do estilo desenvolto, desidratado, escoreito, e, quanto aos fatos, não abafando jamais com detalhes o essencial, as narrativas apresentam-se seccionadas em blocos (que a tipografia marcou com umas vinhetas). A exposição em texto cerrado — tenho certeza — não se beneficiaria de igual efeito; e ainda, dentro de tal procedimento, a prática dos diálogos rápidos, incisivos — é outro meio efficientíssimo.

Falou-se em tipos. Realmente, neste novo livro, continuando o romancista, J.M. confirma-se um plástico modelador de tipos. Geralmente, figuras recortadas do cotidiano da classe média, com seus humaníssimos problemas, histórias citadinas, da atualidade circunstante: os rostos, as fachadas, as ruas, os táxis, os trabalhos e os dias. Ao fechar o livro, assomam à lembrança criaturas como o solteirão Jerônimo e a intempestiva senhora sua mãe; o displícante Agostinho, da *AGONIA DO PASCOAL*, o próprio Pascoal pai; Garibaldi Ventura de boina vermelha; a leve e lépida Madama Germaine de *O VÉ-*

LHO DIPLOMATA; o sempre atarefado com rabos-de-saia Dr. Roberto; aquela Beatriz, de *A NOITE DE NÚPCIAS* (no seu caso, no do Jerônimo e do Daniel, o ficcionista tirou ótimo partido dramático do silêncio dêles); a fauna miúda de *VIDAS APAGADAS*; os pleyboys de *O NOIVO*.

Importa deter a atenção na novela capital, a *DUAS VEZES PERDIDA*. *ECRIRE, C'EST FAUSSER*, adverte a epigrafe desentranhada pelo autor em Paul Léastaed, o famoso diarista. Anote-se aliás que todos os relatos trazem epigrafes, e foram muito a propósito escolhidas. Está finamente irônica aquela machadeana de *O MONSTRO*, em relação ao tema: "Venho mostrar uma das maiores curiosidades mórbidas deste século", sarcástica a jeito de sal grosso aquela outra aplicada a um sujeito com o pescoço sob as possibilidades cruentas de um ex-quase-sôgro barbeiro: "Quem vê a barba do vizinho arder, põe a sua de molho". E de espantar ao começo mas logo de fazer refletir, esta de Henry Becque: "La décision est souvent l'art d'être cruel à temps", de Para Evitar uma Tragédia, uma das mais bem urdidas, histórias de uma humanidade atroz, consideradas as contingências da vida e inconseqüência dos corações (ou dos instintos).

Mas sim, quanto a *DUAS VEZES PERDIDA* parodiemos aquêle Antônio Lopes: "Uma emoção assim não pode ter sido inventada". Certo, não é autobiográfica, mas terá flagrante dose de memórias, dentro ainda do "escrever é inventar". Num relato anterior, aparece o nome de Dom Heider; aqui leem-se nomes que, para maranhenses, devem ser pessoas de carne e osso, o que lhes dará à leitura dimensão afetiva, colocados que estão ali na atmosfera para êles evocadora de São Luís do Maranhão. O ritmo insistente, enriquecido a cada capítulo de novos elementos dessa natureza, funcionará como suaves impactos de surpresa e sorriso ao canto dos lábios.

Quais também o autor variar aqui a técnica novelística, todos os enredos estão construídos na terceira pessoa: "Jerônimo tinha acabado de vestir o paletó, quando o correia chegou", etc. *DUAS VEZES PARTIDA*, é na primeira do singular. Embora dê partida com a cena do recinto de aula parecendo de início seguir a mesma técnica, envolvendo o leitor desprevenido na ação — "Alta, vistosa e calada, negros cabelos crespos descendo para os ombros, Glorina", etc., verificamos de repente que agora a narrativa será conduzida de nova forma: "De cabeça baixa, testa franzida, a olhar a folha em branco do meu caderno..." Foi sutil a passagem para a primeira pessoa, mas está eficaz.